

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

DEUS MEU, DEUS MEU, PORQUE...

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO TREZE)

Contato: Fones 19 (R) 3433-8679 - 97818905

Piracicaba - SP

Dezembro 2017

ÍNDICE

BÍBLIA SAGRADA	03
VIDA DE JESUS.....	04
HUMBERTO DE CAMPOS E O ESPIRITISMO.....	04
CRISTIANISMO E ESPIRITISMO.....	05
DE JESUS PARA AS CRIANÇAS.....	05
OBRAS POSTUMAS.....	05
JESUS PERANTE A CRISTANDADE.....	06
JUDAS, TRAIADOR OU TRAÍDO?.....	06
O QUE JESUS DISSE? O QUE JESUS NÃO DISSE?.....	08
REVISÃO DO CRISTIANISMO.....	12
TRATADO DE METAPSÍQUICA TOMO I.....	13
VADE MECUM ESPÍRITA.....	13
A GÊNESE.....	14

Bíblia Sagrada

Imprensa Bíblica Brasileira 1962

SALMO, 22

Salmo 22:

1. Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que te alongas das palavras do meu bramido, e não me auxilias?

16. Pois me rodearam cães; o ajuntamento de malfeitores me cercou, transpassaram-me as mãos e os pés.

18. Repartem entre si os meus vestidos, e lançam sortes sobre a minha túnica.

Mateus 27 v.46

E perto da hora nona exclamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lamá sabactani; isto é, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

Marcos 15 v.34

E, à hora nona, Jesus exclamou com grande voz, dizendo: Eloi, Eloi, lamá sabactani? Que traduzido é: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

Mateus 27 v.35

E havendo-o crucificado, repartiram os seus vestidos, lançando sortes para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: Repartiram entre sí os meus vestidos, e sobre a minha túnica lançaram sortes.

Marcos 15 v.24

E, havendo-o crucificado, repartiram os seus vestidos, lançando sobre eles sortes, *para saber* o que cada um levaria.

Lucas 23 v.34

E dizia Jesus: Pai perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. E, repartindo os seus vestidos, lançaram sortes.

S. João 19 v.23 e 24

Tendo, pois, os soldados, crucificado a Jesus, tomaram os seus vestidos, e fizeram quatro partes, para cada soldado uma parte; e também a túnica. A túnica, porém, tecida toda de alto a baixo, não tinha costura.

Disseram, pois, uns aos outros: Não a rasguemos, mas lancemos sortes sobre ela, para ver de quem será. Para que se cumprisse a Escritura que diz: Dividiram entre si os meus vestidos, e sobre a minha vestidura lançaram sortes.

MATEUS Cap. 27 v 46

E perto da hora nona exclamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lamá sabactani; isto é, Deus meu, Deus me, por que me desamparaste?

MARCOS Cap. 15 v 34

E, à hora nona, Jesus exclamou com grande voz, dizendo: Eloi, Eloi, lama sabactani? Traduzido é: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

Vida de Jesus

Antonio Lima

Também na hora extrema não era possível que Aquele que viera amparar a Humanidade exclamasse: “Eli, Eli, lama sabactani?” (Meu Deus, Meu Deus, por que me desamparaste?)

Roustaing assim nos esclarece o inadmissível desânimo do Redentor justamente quando Ele havia vencido todos os reveses da sua espinhosa missão, triunfando brilhantemente até esse momento em que terminava a sua obra de salvação:

“As palavras que o Divino Mestre pronunciou no momento em que o seu Espírito, deixando na cruz o invólucro perispírico tangível sob aparência corpórea humana, recuperou a liberdade, foram estas: *Tudo está consumado, Senhor, eis-me aqui*. Citamo-las, textualmente por ordem do Mestre.

“Para que compreendais como se deu essa falsa interpretação e foi transmitida pelos evangelistas, é necessário explicar o que na realidade se passou.

“Quando Jesus acabava de dirigir àquele dos dois malfeitores chamado o bom ladrão as palavras sobre as quais já ficastes elucidados, este, que tivera um sintoma de arrependimento, exclamou para Jesus esta frase: *Eli, Eli, lama sabactani?* que significa: Meu Deus, Meu Deus, por que me desamparaste? (1)

(1) Esta explicação está no quadro das coisas perfeitamente racionais, uma vez que sabemos por Lucas haver DImas, o bom ladrão, rogado a Jesus que se lembrasse dele quando entrasse no seu reino (cap. XXIII, vv. 42 e 43), ao que respondeu o Mestre que nesse dia o arrependido seria com Ele, Jesus, no paraíso. Escutando-o quem ficava embaixo, era bem possível supor que tais palavras fossem proferidas pelos lábios de quem nunca claudicara na fé e certeza da sua glorificação final. É bem plausível a informação do Reverendo pastor J. Davis em sua obra: *In League With Life*, na qual diz ser possível que Jesus houvesse exclamado: “Eli, Eli, Lama Azahhthanl”, que significa: Senhor, Senhor, como me glorificas! cuja frase era pronunciada pelos iniciados quando passavam por uma grande prova. Essa frase também parece uma reminiscência de Davld, nos Salmos, cap. XXI, v. 1: Deus, Deus meu, olha para mim; por que me desamparaste? Os clamores dos meus pecados são causa de estar longe de mim a salvação.

Humberto de Campos e o Espiritismo

Clovis Ramos

Diário Secreto Página 48

Com o sofrimento, dele e de outros, Humberto já era de Deus, Diante da agonia - prolongada - de Coelho Neto, seu maior amigo, teve esse desabafo:

“Senhor, não será isto castigo demais? Esa humilhação de um homem de tanto talento, não constituirá uma afronta à inteligência humana?”

Não só Neto sofria; ele Humberto, sofria.

“Por que há de Deus, criar os sóis e, em seguida, mergulhá-los na lama?” -

Interrogação que tem o mesmo peso daquela do Cristo, na cruz: “Senhor, Senhor, por que me abandonaste?”

Cristianismo e Espiritismo

Léon Denis

Notas Complementares - N.2 § 8

Os Evangelhos não estão concordes sobre os fatos mais notáveis atribuídos a Jesus. Assim, cada um deles refere de modo diferente as suas derradeiras palavras. Segundo Mateus e Marcos, teriam sido: “Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?”. Conforme Lucas, o Cristo, ao expirar teria dito: “Pai, nas tuas mãos encomendo o meu espírito”, expressivo testemunho do amor filial que o unia a Deus. João, finalmente, põe na sua boca estas palavras: “Tudo está cumprido”.

De Jesus para as Crianças

Francisco Leite Bittencourt Sampaio

E vendo o Bom ladrão chamado, Jesus baixar a fronte, proferiu estas palavras : - *Senhor, Senhor, porque me abandonaste*, que foram ao Divino Cordeiro atribuídas.

Obras Póstumas

Allan Kardec

1ª Parte i III §66 (135)

Se Jesus, ao morrer, entrega Sua Alma às mãos de Deus, é que tinha uma Alma distinta de Deus, submissa a Deus, então, Ele não era o próprio Deus.

As palavras seguintes testemunham certa fraqueza humana, uma apreensão com a morte e com os sofrimentos que Jesus vai suportar e que contrastam com a natureza essencialmente divina que lhe é atribuída. Mas demonstram ao mesmo tempo uma submissão de quem é inferior a seu superior.

“Pela hora nona, soltou Jesus um grande brado, dizendo: Eli! Eli! Lamma Sabachtani? Que quer dizer: *Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonastes?*” (S. Mateus, 27:46.)

“E, pela hora nona, lançou Jesus um grande brado, dizendo: *Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?*” (S. Marcos, 15:34.)

*

Jesus Perante a Cristandade

Frederico Pereira Junior

E reinava a orgia no topo do Calvário; satisfeitos os corações tigrinos, bebiam e folgavam, procurando abafar o eco doloroso dos gemidos com a grita desenfreada da nefanda bacanal.

E, para se cumprirem as profecias, jogaram dados sobre a túnica do Senhor, até que, à hora sexta, tendo-se tudo cumprido, soltou Jesus um grande brado, para chamar a atenção da multidão, dizendo: TUDO ESTÁ CONSUMADO! A VÓS ENTREGO, SENHOR, O MEU ESPÍRITO!

Antes, porém, tendo o Divino Mestre prometido ao bom ladrão, assim chamado na frase do Evangelho, que consigo ele seria no paraíso, este, vendo baixar a fronte do Senhor, proferiu estas palavras que foram atribuídas a Jesus; *Ely, Ely, lamma sabachtani!* – *Senhor, Senhor, por que me desamparaste?!*

Tal era a confusão, tão medonha a tragédia, tão negro o quadro, que, conturbados os espíritos, julgaram partirem dos divinos lábios do Amantíssimo Cordeiro essas palavras de aflição e desalento!

Mas, assim não foi, nem poderia ser: Jesus, o justo pré-eleito, cujo Espírito se alava constantemente aos pés do seu glorioso Pai; Jesus que afrontara todas as iras, todas maldades dos homens, não podia, nesse momento supremo, participar desses desfalecimentos que só provam as almas pecadoras

Não, cristãos em Cristo, eu vos afirmo, como Espírito que sou, e pela verdade que recebo dos meus maiores, os Espíritos elevados que me assistem neste trabalho: as palavras de Jesus, nos seus últimos momentos, foram estas, e unicamente estas: **Tudo está consumado! A vós, Senhor, entrego o meu espírito!**

Judas, traidor ou traído?

Danillo Nunes

(14) A Pseudo Delegação de Poderes de Jesus à Simão

Não há, portanto, como negar a fidelidade de Jesus à religião de seu povo, durante toda a sua vida. Porque nem mesmo ao morrer na cruz, completamente desamparado de

lavé, o Deus dos judeus, Jesus o repudiou, renunciando ao Judaísmo. As suas últimas palavras, ao contrário, apenas revelam tristeza e perplexidade por aquela indiferença, no queixume: *“Eli, Eli, lemã shébaqlani?”* (“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?”). Portanto, seria impossível que, em algum momento de seu ministério, houvesse Jesus se referido ‘à sua Igreja’ como uma nova religião separada do Judaísmo. Assim, embora seja incontestável que sem Jesus, considerado o Salvador, não teria surgido a Igreja cristã, não é menos verdadeiro *que ele nem sequer a previu, quanto mais designar alguém para estruturá-la e divulgá-la*. Aliás, pelos documentos canônicos Jesus prometera a Parusia, isto é, seu retorno para instaurar o Reino de Deus, o que os discípulos esperavam para qualquer momento; assim, se desejasse fundar uma nova religião, Jesus mesmo o faria quando de sua volta, considerada iminente

(21) O Grande Equívoco

Portanto, as passagens de Marcos, Mateus e Lucas, atribuindo a Jesus a afirmação de ser-lhe necessário submeter-se a ultrajes, a sofrimentos e à morte, para ressuscitar no terceiro dia, constituem interpolações. Ainda porque, se Jesus tivesse a certeza de que após a sua morte lhe seria, quase de imediato, restituída a vida, não se agonizaria no Getsêmani, *suplicando ao Pai afastar dele o cálice da amargura*. E muito menos a ele se dirigiria, prestes a exalar o seu último suspiro, queixando-se: *“Deus meu Deus. por aue me abandonaste?”* Também os discípulos, se tivessem a convicção de que, três dias após a morte de Jesus, seria ele ressuscitado e glorificado, *não o teriam desertado, por ocasião de sua captura*, nem fugido espavoridos para sua distante província

(32) Razões Últimas

“Pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice. Mas não se faça a minha vontade e sim a tua.”

Portanto, embora não compreendendo o que se passava, a razão da indiferença ou do agastamento de lavé, não lhe enviando ajuda ou consolo, o Rabino não perdeu nele a sua fé. E mesmo mais tarde, na cruz, já sentindo a vida abandonar o seu corpo dolorido, sem que nada do que idealizara acontecesse, persistiu obstinado na crença em sua messianidade e em seu amor a Deus. A despeito de a evidência decepcionante de seu engano se revelar com toda a crueza, gritando-lhe que ele não era o Messias, que nunca haveria salvação e que tudo continuaria sempre igual, permaneceu o Nazareno inabalável em sua fé. E no instante mesmo em que, morrendo, mergulharia na escuridão e no vazio, ao invés de uma reação de rebeldia e desespero pela inutilidade dos sonhos, pelo absurdo da própria vida e pela absoluta e definitiva ausência de Deus, deixou escapar apenas a queixa:

“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste” Morreu Jesus na cruz, acreditando em Deus e que era o Mesmas inexplicavelmente abandonado por ele. Esta crença inextinguível, que resistiu aos mais terríveis golpes da realidade, foi o grande, o insuperável milagre conseguido por Jesus de Nazaré.

O que Jesus disse? O que Jesus não disse?

Bart D. Ehrman

Cap. 5 §50

É claro que Lucas não compartilha a compreensão de Marcos de que Jesus estava em angústia, à beira do desespero. Isso fica patente, mais que em qualquer outro lugar, no relato subsequente, da crucificação de Jesus. Marcos pinta Jesus silencioso em seu caminho para o Gólgota. Seus discípulos tinham debandado; até mesmo as mulheres fiéis só olhavam “a distância”. Todos os presentes galhofavam dele — transeuntes, líderes judeus, até ladrões. O Jesus de Marcos foi espancado, zombado, abandonado e deixado só, não apenas por seus seguidores, mas, em última instância, pelo próprio Deus. Suas únicas palavras, em todo o processo retratado por Marcos, só vêm no final, quando ele brada: “*Eloi, Eloi, lema sabachtani*” (Meu Deus, meu Deus, por que *tu* me abandonaste?). Depois, lança um grande grito e morre.

Mais uma vez, esse retrato se põe em nítido contraste com aquilo que encontramos em Lucas, em cujo relato Jesus está longe de ficar em silêncio. E quando ele fala, mostra que permanece no controle, confiante em Deus, seu Pai, confiante no próprio destino, interessado no destino dos demais. A caminho de sua crucificação, segundo Lucas, quando Jesus vê um grupo de mulheres deplorando o seu infortúnio, ele lhes diz para não chorarem por ele, mas por si mesmas e por seus próprios filhos, por causa do desastre que logo mais se abaterá sobre elas (Lucas 13,27-31). Enquanto está sendo pregado na cruz, em vez de ficar silencioso, ele ora a Deus: “Pai, perdoai-os, porque eles não sabem o que estão fazendo” (Lucas 23,34). Na cruz, nos espasmos de sua paixão, Jesus engata uma conversa desembaraçada com um dos ladrões crucificados a seu lado, assegurando a ele que estarão juntos no paraíso naquele mesmo dia (Lucas 23,43). E para cúmulo, no fim, em vez de lançar seu patético brado de desamparo, o Jesus de Lucas, com a confiança plena de estar de pé diante de Deus, encomenda a própria alma a seu Pai amoroso: “Pai, em tuas mãos eu entrego o meu espírito” (Lucas 24,46).

É quase impossível superestimar o significado das mudanças que Lucas fez em sua fonte (Marcos) para compreender o nosso problema textual. Na narrativa da Paixão feita por Lucas, em momento algum Jesus perde o controle; ele nunca aparenta estar em franca e debilitante angústia por causa de sua sorte. Ele está no controle do próprio destino, consciente do que deve fazer e do que lhe acontecerá uma vez que o faça. Trata-se de um homem em paz consigo mesmo e sereno em face da morte.

Então, o que podemos dizer desses versículos tão discutidos? São eles os únicos versículos em todo o Evangelho de Lucas que corroem tão claro retrato. Só aqui parece estar fora de controle, incapaz de carregar o peso do próprio destino. Por que Lucas teria eliminado completamente todos os indícios da agonia de Jesus de todos os outros pontos de seu relato, se pretendia enfatizá-la em termos tão fortes aqui? Por que remover todo o material compatível de sua fonte antes e depois dos versículos em questão? Parece que o relato do “suor de sangue” de Jesus, ausente de nossos mais antigos e melhores manuscritos, não é original de Lucas, mas um acréscimo de copistas ao Evangelho.

Cap. 6 §66 a 99

ALTERAÇÕES ANTI-SEPARACIONISTAS AO TEXTO

Separacionistas cristãos primitivos

Uma terceira área de preocupação para os cristãos pro o ortodoxos dos séculos II e III envolvia os grupos cristão» que entendiam Cristo não apenas como humano (como os adocionistas), nem apenas como divino (como os docetas), mas como dois seres, um completamente humano e outro completamente divino." Devemos chamar essa cristologia de "Separacionistas" porque ela dividia Jesus Cristo em dois: o homem Jesus (que era completamente humano) e o Cristo divino (que era completamente divino) Segundo a maioria dos proponentes dessa perspectiva, o homem Jesus fora temporariamente habitado pelo ser divino, Cristo, que o capacitou a realizar seus milagres e a pregar os seus ensinamentos; mas antes da morte de Jesus, o Cristo o abandonou, forçando-o a encarar sozinho a própria crucificação.

Essa cristologia separacionista era defendida principalmente pelos grupos de cristãos que os pesquisadores Byhamam de gnósticos.¹² O termo gnosticismo, que vem do étimo grego para conhecimento, *gnosis*, é aplicado a um amplo espectro de grupos de cristãos primitivos que enfatizavam a importância do conhecimento secreto para a salvação. Segundo a maioria desses grupos, o mundo material em que vivemos não foi criação do Deus único e verdadeiro. Ele surgiu como resultado de um desastre no reino divino, no qual uma das (muitas) entidades divinas Ibi, por algum motivo, excluída das regiões celestes. Como resultado de sua queda da divindade, o mundo material veio a ser criado por uma deidade menor, que a capturou e aprisionou em corpos humanos aqui na terra. Alguns seres humanos, portanto, têm uma centelha do divino dentro de si e precisam aprender a verdade de quem são, de onde vieram, como chegaram aqui e como podem retornar. Aprender essa verdade os conduzirá à salvação.

Tal verdade consiste em ensinamentos secretos, misterioso "conhecimento" (*gnosis*), que só pode ser comunicado por um ser divino provindo do domínio celestial. Para os ' cristãos gnósticos, Cristo é o divino revelador das verdades de salvação. Em muitos sistemas gnósticos, o Cristo sobreveio ao homem Jesus por ocasião de seu batismo, dando-lhe poder para exercer o seu ministério e, no fim, o deixou para que morresse sozinho na cruz. Foi por isso que Jesus bradou: "Meu Deus, meu Deus, por porque me abandonaste.?" Para esses gnósticos, o Cristo abandonou Jesus *literalmente* (ou "o deixou para trás"). Contudo, depois da morte de Jesus, o Cristo o ressuscitou dos mortos como recompensa por sua fidelidade e continuou, por meio dele, a ensinar a seus discípulos as verdades secretas que conduzem à salvação.

Os cristãos proto-ortodoxos classificaram esse ensinamento como ofensivo em todos os níveis. Para eles, o mundo material não é um lugar mau resultante de um desastre cósmico, mas é a boa criação do único verdadeiro Deus», Para eles, a salvação provém da fé na morte e ressurreição de Cristo, não pelo aprendizado de uma *gnosis* secreta, que poderia iluminar a verdade da condição humana. E, o que é mais importante

para nosso objetivo aqui, para eles, Jesus Cristo não é dois seres, mas um, simultaneamente divino e humano, a um só e mesmo tempo.

Mudanças anti-separacionistas ao texto

As controvérsias sobre as cristologias separacionista tiveram o seu papel na transmissão dos textos que vieram a constituir o Novo Testamento. Já vimos um exemplo disso em uma variante que analisamos no capítulo 5, Hebreus 2,9, na qual se dizia, no texto original da carta, que Jesus morreu “sem Deus”. Naquela discussão, vimos que a maioria dos copistas aceitava a versão variante, que indicava ter Cristo morrido “pela graça de Deus”, mesmo não sendo esse o texto originalmente escrito pelo autor. Mas não analisamos com a merecida atenção porque os copistas teriam achado o texto potencialmente perigoso e, conseqüentemente carente de modificação. Agora, a partir de nossa breve incursão pelo entendimento gnóstico da figura de Cristo, a mudança faz mais sentido. Segundo as cristologias Separacionistas, Cristo realmente morreu “sem Deus”, porque foi em sua cruz que o elemento divino que o habitava se apartou, deixando Jesus morrer sozinho. Conscientes de que o texto poderia ser usado em defesa dessa perspectiva, os copistas cristãos fizeram uma simples, mas profunda, mudança. Em vez de indicar que sua morte aconteceu separadamente de Deus, o texto passou a afirmar que a morte de Cristo se deu “pela graça de Deus”. Essa é, portanto, uma alteração anti-separacionista.

Um segundo exemplo bastante intrigante do fenômeno ocorre quase exatamente onde seria de se esperar que ocorresse, num relato evangélico da crucificação de Jesus. Como já indiquei, no Evangelho de Marcos, Jesus se mantém em silêncio durante todo o seu processo de crucificação. Os soldados o crucificam, os transeuntes e os líderes judeus zombam dele... sem que ele diga uma só palavra – até o fim, quando a morte é iminente, e Jesus brada as [palavras tiradas do Salmo 22: “*Eloi, Eloi, lema sabachtam ?*”, que significam: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Marcos 15,34).

Deve-se notar que, segundo o escritor proto-ortodoxo, Irineu, Marcos era o Evangelho preferencial daqueles “que separavam Jesus de Cristo” — ou seja, dos gnósticos, que adotavam uma cristologia separacionista. Dispomos de fortes indícios para supor que alguns gnósticos tomavam esse último dito de Jesus literalmente, para indicar ter sido nesse ponto que o Cristo divino se apartara de Jesus (visto que a divindade não pode fazer a experiência da mortalidade e da morte). A evidência provém de documentos gnósticos que refletem sobre o significado desse momento na vida de Jesus. Temos, por exemplo, o Evangelho apócrifo de Pedro, no qual alguns suspeitam haver uma cristologia separacionista, que cita as palavras em uma forma ligeiramente diferente: “Meu poder, meu poder, abandonaste-me!” Mais surpreendente ainda é o texto gnóstico conhecido como o Evangelho de Filipe, no qual o versículo é citado e seguido por uma interpretação separacionista:

“Meu Deus, meu Deus, por que, ó Senhor, me abandonaste?” Foi, pois, na cruz que ele disse essas palavra», porque ali ele foi dividido.

Os cristãos proto-ortodoxos conheciam esses dois Evangelhos e suas interpretações do clímax da crucificação de Jesus. Por isso, talvez provoque tanta surpresa o fato de o texto do Evangelho de Marcos ter sido mudado por alguns copistas, na intenção de frustrar essa explicação gnóstica, Em um manuscrito grego e em vários testemunhos latino, diz-se que

Jesus não bradou o tradicional “grito de abandono” do Salmo 22, mas que teria proclamado: “Meu Deus», meu Deus, por que escarneceste de mim?”

Essa mudança do texto gera uma variante interessante — e particularmente adequada a seu contexto literário. Como já se indicou, a essa altura do relato, quase todos os demais tinham escarnecido de Jesus — os líderes judeus, os transeuntes, os dois ladrões. Agora, com essa versão variante, diz-se que o *próprio* Deus escarneceu de Jesus. Em desespero, Jesus emite um grito e morre. Uma cena poderosa, plena de sentimento.

Apesar de tudo, a variante não é original, como se demonstrou pela circunstância de que ela está ausente de praticamente todos os nossos mais antigos e melhores testemunhos (incluindo os testemunhos do texto alexandrino) e pelo fato de que não corresponde às palavras aramaicas que Jesus realmente emite (*lema sabachtani* — que significam “por que me abandonaste?” e não “por que escarneceste de mim?”).

Por que, então, os copistas alteraram o texto? Demonstrada toda a sua utilidade para aqueles que defendiam uma cristologia separacionista, não é mais necessário ficar perguntando por quê. Os copistas proto-ortodoxos queriam fazer com que o texto não pudesse mais ser usado por seus adversários gnósticos. Eles fizeram uma mudança contextualmente adequada e significativa, a partir da qual, em vez de se dizer que Deus abandonou Jesus, diz-se que apenas zombou dele.

Como exemplo final de uma variante desse tipo, inserida para barrar uma cristologia separacionista, analisemos a passagem que ocorre na primeira Epístola de João. A mais antiga forma do texto diz em 4,1-3:

“Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio na carne é de Deus; e todo o espírito que não confessa Jesus não é de Deus; é o espírito do anticristo”.

É uma passagem clara e direta: só aqueles que reconhecem que Jesus veio realmente na carne (em oposição, digamos, à aceitação da perspectiva docetista pertence a Deus; aqueles que não reconhecem isso são opostos a Cristo (anticristos). Mas existe também uma interessante variante textual que ocorre na segunda metade da passagem. Em vez de se referirem àquele “que não confessa Jesus”, vários testemunhos se referem, em vez disso, àquele que “divide Jesus”. O que esse *divide* Jesus significa? E por que essa variante textual se introduziu em alguns manuscritos?

De início, devo enfatizar que ela não aparece em *muitos* manuscritos. De fato, entre os testemunhos gregos, só ocorre em um manuscrito do século X (Ms. 1739). Mas, como vimos, se trata de um manuscrito importante porque parece ter sido copiado de um manuscrito do século IV, e suas notas marginais indicam que a variante “divide Jesus” era conhecida por vários padres da Igreja de finais do século II e início do século III, como Irineu, Clemente e Orígenes» Além do mais, ela aparece na Vulgata latina. Isso demonstra, entre outras coisas, que a variante foi popular na época em que os cristãos proto-ortodoxos estavam em debate com os gnósticos sobre questões de cristologia.

Por isso, a variante pode provavelmente não ser aceita como o texto “original”, dada sua atestação escassa — ela não se encontra, por exemplo, em nenhum de nossos mais antigos e melhores manuscritos (em nenhum manuscrito grego, exceto como nota marginal). Por que, então, ela teria sido criada por um copista cristão? Parece que para fornecer uma base de ataque “bíblico” contra as cristologia» Separacionistas, nas quais Jesus e Cristo são separados um do outro como duas entidades distintas, ou como uma

variante que afirmasse que Jesus “se dividiu” do Cristo. A variante textual sugere que qualquer um que vier a apoiar essa perspectiva não é de Deus; é, na verdade, um anticristo. Mais uma vez, temos uma variante gerada no contexto das disputas criptológicas dos séculos II e III

CONCLUSÃO

Um dos fatores que contribuem para as alterações que os copistas introduzem nos textos era o contexto histórico. Os copistas cristãos dos séculos II e III estavam empenhados nos debates e disputas de seu tempo. Ocasionalmente essas disputas afetavam a reprodução dos textos que originaram esses debates. Ou seja, os copistas ocasionalmente alteravam os textos para forçá-los a dizer o que já se supunha que deveriam dizer.

E isso não é necessariamente uma coisa ruim, dado que nós, provavelmente, podemos compreender que a maioria dos copistas que mudaram os textos frequentemente o fizeram semiconscientemente ou com boa intenção. A realidade, porém, é: uma vez alterados os textos, as palavras dos textos tornavam-se, literalmente, palavras diferentes, e essas palavras alteradas necessariamente afetavam a interpretação das palavras a ser feita por leitores posteriores. Entre as razões para essas alterações, estavam as disputas teológicas dos séculos II e III, com os copistas por vezes modificando os textos à luz das cristologias adocionistas, docetistas e Separacionistas que estavam em luta para se estabelecer nesse período.

Outros fatores históricos também influenciavam, fatores menos relacionados à controvérsia teológica, derivados dos conflitos sociais da época, conflitos envolvendo questões como o papel das mulheres nas Igrejas cristãs primitivas, a oposição cristã aos judeus e a defesa cristã contra os ataques dos adversários pagãos. No próximo capítulo, veremos como esses outros conflitos sociais afetavam os antigos copistas, que reproduziam os textos das Escrituras nos séculos anteriores à época em que a cópia de textos se tornou domínio dos copistas profissionais.

Revisão do Cristianismo

J Herculano Pires

Pode-se alegar, contra isso, o seu pedido no Horto para que o cálice da amargura fosse passado além. Mas esse episódio é também marcado pela presença de elementos míticos e aparece interpretado de maneiras diversas pelos exegetas. O seu brado final na cruz: “Meu Deus, por que me desamparastes?” revela a sua condição humana na hora da agonia, quando as forças do corpo falecem e o espírito fraqueja. Ele se mantinha nessa condição, negando-se a diferenciar-se dos outros, da espécie humana a que se ligara. Ainda nesse episódio os elementos míticos, como o rasgar do véu do Templo, o escurecer do céu, o tremor da terra e assim por diante. É principalmente nesses momentos agudos da sua vida e da sua paixão que o colorido emocional do mito se manifesta, tirando-lhe a naturalidade e a grandeza. Sim, a grandeza, porque esta não está no mito, mas no homem.

Tratado de Metapsíquica Tomo I

Charles Richet

A Sra. M. G. Montebello, visitando a Sra. Briffaut, ocasião em que com toda a certeza esta não podia saber o seu nome nem nada sobre ela, recebe imediatamente uma prova demonstrativa da criptestesia. "Vejo alguém que se chama L... — Louis, não é?" —• (Sinal afirmativo com a cabeça por parte da Sra. de M...)

—• "É vosso filho?..." — "Sim." — "Ele foi morto durante a guerra?" —• "Não.." — "No entanto, diz a Sra. Briffaut, ele me faz sinal de que foi morto bruscamente, brutalmente, de repente..."

Ora, de fato. Louis de Montebello, antes da guerra, fora por um raro e trágico acontecimento, atingido por um raio. Observar-se-á que, se a Sra. Briffaut cometeu um erro, foi um erro de interpretação. Ela viu a morte brutal, brusca, rápida, de Louis, e ela "concluiu" (com erro, mas em tudo semelhante) que havia sido por um efeito de guerra. Outras indicações precisas e preciosas foram dadas. Ao lado da Sra. de Montebello, a Sra. Briffaut vê uma senhora de idade avançada que escreve, escreve constantemente. Trata-se muito claramente da avó da Sra. De Montebello, que passou os últimos quinze anos de sua existência a escrever suas memórias.

(Obs: Exemplo de erros de Interpretação cometidos por médiuns videntes à exemplo de David)

Vade Mecum Espírita

Luiz Pessoa Guimarães

Artigos do Autor

<http://bit.ly/2zjKxk4>

“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”

A compreensão desta passagem implica no estudo e conhecimento prévio do Salmo 22. Neste Salmo, vemos o médium (Davi), descrevendo com suas palavras e sentimentos a visão profética do evento da Crucificação, algumas dezenas de séculos antes da ocorrência do mesmo.

No Salmo 22, v 1 são estas as expressões do Salmista: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? por que te alongas das palavras do meu bramido, e não me auxilias.”. v 16 “... traspassaram-me as mãos e os pés.”. v 18 “Repartem entre si os meus vestidos, e lançam sortes sobre a minha túnica.” Aqui estão registradas as impressões do médium diante de sua visão: o Filho de Deus enviado ao mundo para salvar o povo de Deus, sendo morto na cruz. Deus o desamparou e em consequência conseguiram matá-

lo. Deus não conseguiu evitar e a expressão foi a decepção de Davi em função daquilo que ele via, um profeta sendo desamparado por Deus: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” Palavras de Davi procurando interpretar o sentimento do profeta que estaria sendo crucificado.

Nos Evangelhos de Mateus 27, v 46 e Marcos 15, v 4 temos o registro da expressão “Meu Deus, Meu Deus, por que me desamparaste?”. Nos Evangelhos de Lucas 23, v 46 e S. João 19, v 30 não há o registro desta expressão. Nos quatro evangelhos, Mateus 27, v 35; Marcos 15, v 24; Lucas 23, v 34 e S. João 19, v 24 são registradas as cenas referentes à disputa da túnica pelos soldados romanos, confirmando a visão profética do médium Davi.

Jesus já em outras ocasiões evocara a Escritura pois se utiliza dos valores e referências judaicas; a Lei, a Escritura, O Tanach. Em João 10, v 33 a 36 “Os Judeus responderam, dizendo-lhe: Não te apedrejamos por alguma obra boa, mas pela blasfêmia porque sendo tu homem, te fazes Deus a ti mesmo. Respondeu-lhes Jesus: Não está escrito na vossa lei: Eu disse: Sois deuses? Pois se a lei chamou deuses aqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida (e a Escritura não pode ser anulada). Aquele a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo, vós dizeis: Blasfemas porque disse: Sou Filho de Deus?” referindo-se ao Salmo 82, v 6.

Portanto, Jesus recitou o Salmo 22 que profetizou, descreveu o término da sua Missão; na visão do médium Davi que interpretou a cena que assistia e como estaria se sentindo Jesus que na sua avaliação estaria sendo abandonado por Deus; como outras partes da Escritura haviam previsto seu nascimento e várias passagens da sua Missão.

Não poderíamos deixar de lembrar ao final deste artigo segundo o Espiritismo, as palavras de Kardec na introdução da Gênese: “Generalidade e concordância no ensino, esse o caráter essencial da doutrina, a condição mesma da sua existência, donde resulta que todo o princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina. Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade.”

Posto isto, enfatizamos; esta é a nossa visão do assunto, existem outras. Nenhuma delas representa ainda a visão do Espiritismo sobre o assunto, porque falta a consagração do controle da generalidade. Nossa colaboração visa unicamente, tentar cooperar para que algum dia haja esta consagração sobre este tema.

Luiz Pessoa Guimarães

Bibliografia: A Bíblia Sagrada
Tradução de João Ferreira de Almeida
Imprensa Bíblica Brasileira.
1962 – 14ª Impressão.

A GÊNESE

Allan Kardec

Introdução §8

Generalidade e concordância no ensino, tal é a característica essencial da Doutrina, a própria condição de sua existência; daí resulta que todo princípio que não recebeu a consagração do controle e da generalidade não pode ser considerado como parte integrante dessa mesma Doutrina, mas como uma simples opinião isolada, da qual o Espiritismo não pode assumir a responsabilidade.

Cap. 1 – Caráter da Revelação Espírita

50. A terceira revelação — vinda em uma época de emancipação e maturidade intelectual, em que a inteligência desenvolvida não pode se conformar com um papel passivo, em que o homem não aceita nada às cegas, mas quer ver onde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa — tinha que ser ao mesmo tempo o resultado de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e da livre verificação. Os espíritos só ensinam exatamente o que é preciso para ajudar a compreender a verdade, mas se abstêm de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter o todo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à própria custa. Eles lhe dão o princípio e os materiais, para que tire proveito deles e os ponha em ação.

51. Sendo os elementos da revelação espírita ministrados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos níveis de instrução, é evidente que as observações não poderiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as consequências a tirar delas, a dedução das leis que regem essa ordem de fenômenos, em resumo, a conclusão que deveria determinar as ideias, teria de sair do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito a um círculo restrito, vendo, frequentemente, apenas uma espécie particular de fatos, algumas vezes aparentemente contraditórios, tendo ligação geralmente com uma mesma categoria de espíritos, e, além do mais, embaraçado pelas influências locais e partidarismos, achava-se na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, impossibilitado de combinar as observações isoladas em um princípio comum. Cada um apreciando os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião particular dos espíritos que se manifestam, logo surgiram tantas teorias e sistemas quantos fossem os centros, e nenhum poderia ser considerado completo, por falta de elementos de comparação e avaliação. Em uma palavra, cada um se teria imobilizado na sua revelação parcial, acreditando deter toda a verdade, por não saber que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52. Por outro lado, deve-se observar que em parte alguma o ensino espírita foi dado de uma forma completa. Ele atinge um número tão grande de observações, de assuntos tão diversos, que exigem conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que foi impossível reunir em um mesmo ponto todas as condições necessárias. A necessidade de o ensino ser coletivo e não individual, levou os espíritos a dividirem o trabalho, disseminando os temas de estudo e de observação, como em certas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é dividida entre diversos operários. Assim, a revelação é feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que ela prossegue ainda hoje, uma vez que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra, nos demais, o complemento do que ele obtém, e foi do conjunto, da coordenação de todos os ensinamentos parciais que a Doutrina Espírita se constituiu. Era, pois, necessário agrupar os fatos isolados para ver sua correlação, reunir os diversos documentos e as instruções dadas pelos espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-las, analisá-las e estudar-lhes as analogias e as diferenças. Como as comunicações eram dadas por espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso avaliar o grau de confiança que a razão permitia

conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas individuais e as isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos espíritos; as utopias, das ideias práticas; afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da Ciência positiva e pela lógica sã; utilizar os próprios erros, as informações fornecidas pelos espíritos, mesmo os de baixa categoria, para o conhecimento da situação do mundo invisível, e disso formar um todo homogêneo. Em uma palavra, era preciso um centro de elaboração, isento de qualquer ideia preconcebida, de qualquer sectarismo, resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, ainda que contrária às suas opiniões pessoais. Esse centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e sem premeditação.

53. Desse estado de coisas resultou uma dupla corrente de ideias: umas indo das extremidades para o centro, e as outras retornando do centro para a periferia. Foi assim que a Doutrina caminhou rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde se originou; e que os sistemas divergentes ruíram pouco a pouco, em razão do seu isolamento diante do ascendente da opinião da maioria, na qual não encontraram repercussão simpática. Desde então, uma comunhão de ideias se estabeleceu entre os diversos centros parciais; falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e se simpatizam, de um extremo a outro do mundo. Os espíritas sentiram-se mais fortes, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não se viram mais isolados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço que os unia à grande família. Os fenômenos dos quais eram testemunhas não mais lhes pareceram estranhos, anormais ou contraditórios quando puderam associá-los às leis gerais de harmonia, abranger de um só golpe de vista todo o plano, e ver, em todo esse conjunto, um objetivo grandioso e humanitário.